

Frei Bernardo da Anunciada

Um amor todo a Deus

ANDRÉ DE OLIM, OSB

Introdução

Em linha com o tema «Ser Santo hoje, figuras inspiradoras» destas XXII Jornadas de Teologia, é-nos proposta a figura do Servo de Deus Frei Bernardo, na bela possibilidade de dar a conhecer a sua pessoa, espiritualidade e virtudes que o confirmaram como cristão e monge nos lesins da santidade.

Serviu de mote a esta intervenção a seguinte expressão «Frei Bernardo, um amor todo a Deus». Passaremos por uma breve apresentação biográfica acerca da sua vida e depois falaremos de dois aspectos da sua santidade: vocação monástica; o grande amor a Deus que se traduziu numa mística de imolação.

1. Breve biografia do Servo de Deus

Bernardo Vaz Lobo Teixeira de Vasconcelos¹ nasceu a 7 de Julho de 1902, em Celorico de Basto, na conhecida casa do Marvão. Eram seus pais: Manuel

¹ Efetuaram-se 7 edições da autobiografia de Bernardo Vasconcelos desde 1933 a 2002. Obra única elaborada pela seleção de epistolário e dados biográficos por Dom António Coelho. Seguimos a seguinte edição: VASCONCELOS, Bernardo – *Vida de Amor*. Viseu, Ora & Labora, 2002.

Joaquim Teixeira de Vasconcelos e Filomena da Conceição Lobo Vasconcelos², casados em 1888. Bernardo é o sétimo filho daquela família a quem Deus abençoou, com tão belas almas.

É baptizado na Igreja Paroquial de S. Romão do Corgo, no dia 5 de Agosto de 1902³. Do afecto pelos seus, dizia :

«*Que graça é nascer no seio de uma família temente a Deus! E ter quem guie os nossos primeiros passos na direcção da Igreja da nossa terra natal; e ter quem nos ensine a dizer, antes de mais, o doce nome Jesus! Ainda recordo aquela tenra idade em que (dizem-no os meus) eu gostava de fazer a Via-Sacra e beijar o chão do nosso oratório secular.*» (Carta, de 6.8.1927)⁴.

Nasce em berço fidalgo⁵, mas não é essa a pedra preciosa que ostentará na vida, antes o ser cristão, que os desígnios da Providência farão dele um magnífico instrumento para Igreja.

A irmã Mariana preparou-o para o exame de 1º e 2º graus, e aos 10 anos seus pais decidem que deviam enviar o filho Bernardo para o Colégio de Lamego com os irmãos, então orientado pelo Pe. Alfredo, pelo ano de 1912. Sabe-se que Bernardo foi bom aluno, e em 1915 terminaria o 4º ano como o 4º mais classificado do seu curso. Aos colegas deixou exemplo integérrimo: pela modéstia, piedade, inteligência viva e amante do recolhimento⁶.

Em Outubro de 1918 encontramos Bernardo na Cidade da Rainha Santa, com o seu irmão mais velho, Manuel Baltazar. Matricula-se no 7º ano de Ciências, no Colégio de São Pedro, a fim de terminar o liceu⁷. Destes primeiros tempos Bernardo confessará em carta, anos depois: «Lançado aqui para o meio mau, nos primeiros anos de Coimbra, caí sem ter quem me deitasse, carinhosa e severamente a um tempo, a, mão amiga»⁸.

Inevitavelmente, rodeado por uma mocidade estudantil entregue às suas liberdades, entrou num momento crítico, pelo qual passa tempos de indecisão,

² Bernardo era neto paterno de Bernardo Teixeira da Cunha Maia e Vasconcelos, e de Mariana Ignácia Soares Vasconcelos; neto materno por perfilhação de Bernardo Vaz Lobo (Cf. POSITIO SUPER VITA, VIRTUTIBUS ET FAMA SANCTITATIS (= POS) – *Congregatio de Causis Sanctorum, Beatificationis et Canonizationis Servi Dei Bernardus ab Annuntiatione*. Roma, Tipografia Nova Res s.r.l., 2004. p. 15).

³ Cf. BEATIFICATIONIS ET CANONIZATIONIS SERVI DEI FR. BERNARDI DE VASCONCELOS, CLERICI MONACHI BENEDICTINI. *Transumptum Processus Informativi super Vita, Virtutibus et Fama Sanctitatis (= PRO)*. Arquivo da Postulação (Mosteiro de Singeverga). Braga, 1987. p. 531.

⁴ PRO III, PARTE I, Carta nº 32.

⁵ Cf. FERREIRA, PE. Jorge – *Bernardo Vasconcelos, O monge-Poeta*. Viseu, Ora & Labora, 2002. p. 10.

⁶ Cf. PRO I, 225, Sessão XVII.

⁷ Cf. POS, p. 19.

⁸ VASCONCELOS, Bernardo – *Vida de Amor*. p. 27.

que o levariam a uma separação momentânea da fé. Por se aproximar a idade militar, considerou a hipótese de optar pelo curso da Escola Naval⁹. Mesmo depois de submetido ao exame de admissão e à consequente rejeição devido à compleição débil, as altas aspirações de servir a pátria fomentaram a possibilidade de seguir carreira diplomática. Deus tudo presenciava, colhendo daquele coração novas oportunidades para se fazer escutar.

Um dia de regresso a casa, como dirá em carta à mãe, «a contas comigo mesmo»¹⁰, confronta-se da sua realidade. Toma a firmeza de coração, confessa-se e comunga. O sagrado que antes fazia parte da sua vida, volta como hierofania, naquela alma sedenta de ideal. A correspondência, da altura, transmite-nos perfeitamente ecos da benigna «conversão», que rejuvenesce a bela alma de Bernardo:

«O meu fim principal foi comungar no dia 8, de Nossa Senhora da Conceição; e de facto, nesse dia e no seminário, eu lá estava à Sagrada Mesa, recebendo o Pão dos Fortes» (Carta de 12.12.1919)¹¹.

É convidado para sócio do CADC¹² (Centro Académico da Democracia Cristã) onde se notabilizará pela sua conduta e pensamento. Bernardo afirmará: «A verdadeira revolução devia operar-se de dentro para fora (...). O CADC apareceu aos olhos da minha alma como uma revolução em marcha»¹³.

O mau aproveitamento escolar daquele ano, conduz a uma atitude do pai, que o sente indeciso quanto à vida. Manda-o para o Porto receber uns cursos preparatórios e trabalhar num Banco. Escrevendo à sua irmã Maria Emília, dizia encontrar-se num estado de insatisfação, sentia «sede de um ideal»¹⁴ mas sem saber qual fosse. Não se conforma com os ideais apresentados e que os rapazes comuns sonham. A sua vida não se concretizará em ambições profissionais. Confessa que tem «alma complicada e d'um interior profundíssimo, quasi insondável»¹⁵, pede a resignação dos incompreendidos, porque ser incompreendido não é por teimosia, mas pela sua natural forma de pensar, por vezes difícil de exprimir. Por conseguinte, tem ideia formulada quanto à vida matrimonial.

⁹ Cf. BÁRBARA, Maria – *O Bernardo*. Viseu, Edição a cargo da família Vasconcelos, 2002. p. 45.

¹⁰ VASCONCELOS, Bernardo – *Vida de Amor*. p. 29.

¹¹ Cf. PRO III, PARTE III, Carta n.º 2.

¹² O CADC, Centro Académico da Democracia Cristã, foi fundado em Coimbra pelo ano de 1901, com objectivo de representar uma instituição de estudantes católicos universitários. Analisavam os problemas sociais face aos documentos do magistério da doutrina social da Igreja, tentando criar soluções e formando os seus elementos numa sábia visão do catolicismo.

¹³ VASCONCELOS, Bernardo – *Vida de Amor*. Viseu, Ora & Labora, 2002. p. 30.

¹⁴ PRO III, PARTE III, Carta n.º 12.

¹⁵ PRO III, PARTE III, Carta n.º 12.

De regresso a Coimbra, Bernardo matricula-se na Faculdade de Direito. A afeição por uma rapariga, que conheceu no Porto, por quem nutria um amor puro, como afirmava, foi aos poucos amadurecendo. Entendeu que esse amor, nascido da grande busca de ideal, despoletou num carinho especial pela jovem.

De volta às lides académicas, distingue-se no CADC, através das várias iniciativas¹⁶ da organização. Dá provas de dedicação e logo colocam-no na linha da frente. O CADC tinha como prioridades, para além da forte atenção sobre questões sociais e eclesiais, implementar nos jovens a ele agregados, o espírito do bom cristão. Enraizava nas almas a máxima: *as obras sem fé são impossíveis*¹⁷.

A 27 de Maio de 1923 Bernardo é eleito vice-presidente do CADC. Neste contexto, em novas funções, organiza um retiro espiritual no Luso, sob a orientação dos padres jesuítas. O retiro será para Bernardo uma autêntica paragem, momento propício para escutar de perto a voz de Deus. Depois de uma conferência sobre a graça, vêem-no na capela improvisada, em lágrimas¹⁸ de joelhos, diante do Sacrário. Os bons propósitos tomados, naqueles dias, dariam frutos abundantes, ou no dizer da Sagrada Escritura: cem por um.

É convidado a proferir várias conferências: em 1924 no Instituto Nun'Alvares; no CADC, a conhecidíssima conferência «Ideal Cristão», depois apresentada no Congresso Eucarístico Nacional de Braga; participa no Congresso da União Católica dos Estudantes Portugueses. É também membro de outros organismos, que destacamos: Conferência de São Vicente de Paulo¹⁹; presidente

¹⁶ Em meados de 1923 uma comissão constituída por Bernardo, organizou uma festa de beneficência ao CADC. A festa realizou-se no Teatro Avenida em 8 de Junho, com muita assistência de pessoas. Por certo, sinal da proteção divina, à hora em que decorria o sarau, lançavam uma bomba na sede do CADC (Cf. MARQUES, Pereira – *O Colégio de Lamego e o C.A.D.C. na vida de Bernardo Vasconcelos*. In: ESTUDOS, Órgão do C.A.D.C. de Coimbra, Ano X. Coimbra, 1933, nº 116-117. p. 642).

¹⁷ Cf. MARQUES, Pereira – *O Colégio de Lamego e o C.A.D.C. na vida de Bernardo Vasconcelos*. p. 639.

¹⁸ Cf. POS, p. 23.

¹⁹ Pereira Marques, apresenta no seu artigo, o interessante trabalho do Bernardo na Conferência Vicentina: «Pouco depois de ter entrado na Conferência, Bernardo Vasconcelos vai encontrar na família que lhe destinaram para visitar, uma série de questões difíceis: há na casa um filho de 8 anos por baptizar; há uma pequenita de 21 meses que nem ainda está registada civilmente; o marido bate constantemente na mulher; as rendas da casa andam por pagar porque o homem não trata de dar o dinheiro para isso. O Bernardo empenha-se em resolver todas estas questões “para maior glória de Deus”. Mas... que série de dificuldades, sobretudo por causa da petizita que ainda não estava registada! Era preciso tentar resolver as coisas por bem e, em último caso, seria preciso denunciar a questão às autoridades e sujeitar o pai da criança a multa pesada ou à cadeia. Bernardo (...) mexe-se, pede a recomendação deste professor da Faculdade de Direito, pede proteção daquele outro, fala com o Conservador do Registo Civil, com o Governador Civil, etc. Mas, antes disso que o tempo não foi preciso para que o pai da criança se resolvesse a desfazer a tragédia! Por fim consegue levá-lo ao Governo Civil. O pedido de licença de registo segue para Lisboa e só três longos

da Liga Eucarística; Congregação dos Filhos de Maria²⁰, secretário da revista Estudos do CADC, entre outros.

No final do ano Lectivo, sentindo-se adoentado, deixa Coimbra, para fazer um período de tratamento nas Caldas de Vizela. É-lhe diagnosticada uma doença, que depois não se confirmaria, devido a uma má avaliação médica. Bernardo, mesmo assim confia a um seu amigo:

«Deus Escreve direito por linhas tortas. Seja feita a sua vontade. Eu que, durante longo tempo, aí em Coimbra, ao dar graças após a Sagrada Comunhão, quase não me lembrava de mais nada senão pedir a Deus que me fizesse conhecer a Sua vontade em mim, não tenho de me queixar se a Sua vontade é que eu sofra. Bendito Ele seja!» (Carta de Vizela, s/d, ano de 1923)²¹.

A grande vontade de se dar às causas, muitas vezes é travada pela perturbante falta de saúde. Então Bernardo, conscientemente recolhia-se para breves tratamentos. Aqui vemos o seu temor/amor à divina vontade, mais que uma ovelha mansa, se permitis uma analogia, é um simples cavalo de corrida domado pelo competidor.

O problema da vocação será para Bernardo uma ocasião infatigável na procura de uma resposta. Vai a Lurdes em peregrinação²², e lá grava-se-lhe no coração esses belos dias de profunda acção no acompanhamento dos doentes. Arreigou mais a fé naquele ambiente sobrenatural, pondo em si mesmo o problema da vocação. De regresso a Portugal, em conversa com uma condiscípula de Coimbra, diz-se inclinado²³ para a Ordem de São José, isto é, o matrimónio. Mas a questão da vocação estaria ainda *in abstracto*.

Faz um segundo retiro em Penafiel²⁴, que será para ele mais uma ocasião para meditar sobre a vocação. As frequentes visitas à Sé velha de Coimbra serão para ele momentos de recolhimento e intimidade com Deus. Cansado de

meses depois que descobriu o caso, é que o Bernardo consegue meter a criança na sociedade dos homens – registando-a, e no seio de Deus – baptizando-a» (Cf. MARQUES, PEREIRA – *O Colégio de Lamego e o C.A.D.C. na vida de Bernardo Vasconcelos*. In: ESTUDOS, Orgão do C.A.D.C. de Coimbra, Ano X. Coimbra, 1933, n° 116-117. pp. 641-642).

²⁰ Cf. MARQUES, Pereira – *O Colégio de Lamego e o C.A.D.C. na vida de Bernardo Vasconcelos*. p. 645.

²¹ PRO IV, PARTE IX, Carta n° 1.

²² Na peregrinação a Lurdes, Bernardo no seu ofício de maqueiro (brancardiers) assiste à cura miraculosa de uma religiosa, Irmã Benigna, que para alí se tinha deslocado em oração, vítima de tuberculose (Cf. VASCONCELOS, Bernardo – *Vida de Amor*. Viseu, Ora & Labora, 2002. p. 81).

²³ Cf. MENDONÇA, Dionísia Camões – *Da Universidade ao Claustro*. In: ESTUDOS, Orgão do C.A.D.C. de Coimbra, Ano X. Coimbra, 1933, n° 116-117. p. 606.

²⁴ Os dois sacerdotes que orientaram esse retiro foram os jesuítas: Pe. Vaz e Pe. Sebastião Pinto (Cf. PRO III, PARTE II, Carta n° 35).

resolver sozinho o problema, um dia abre-se em confiança ao presidente do CADC. Fica decidido falar com o Pe. Gonçalves Cerejeira muito depois Patriarca de Lisboa. Combinado o encontro, Bernardo testemunha, numa singeleza de espírito, essa alegria do diálogo:

«E assim ficou resolvido que eu encarasse de frente o sacerdócio como a minha vocação e que nas mãos de Deus entregasse o meu espírito e me abandonasse inteiramente. E agora que já vão cinco semanas de convívio diário com Jesus-hóstia eu sinto bem o acerto da minha resolução; nunca mais tive dúvidas.» (Carta de 20.12.1923)²⁵.

Porém, a falta de saúde podia tornar-se empecilho para a realização da vocação.

Bernardo, no seu exemplo comovente de fé, nunca deu provas de abatimento e com esperança rezou diante do problema. Exprimia-se uma vez, com lágrimas a bailarem-lhe nos olhos de satisfação, mostrando²⁶ o óptimo resultado duma análise, a pessoas amigas.

De passagem por Coimbra, a 10 de Fevereiro de 1924, e já com uma correspondência epistolar frequente, recebe de Mons. Pereira dos Reis o escapulário dos oblatos seculares da Ordem de São Bento, na qual estava inclinadíssimo. Combina-se a experiência de uns dias no claustro, e passa uma semana na Abadia de Samos. Aí conhece Dom António Coelho, que a partir desse tempo será o seu pai espiritual. Daqui para a frente encontraremos o Bernardo rumo ao claustro. As despedidas são amargas, diz ele que «o coração não se embota nem se fecha – sangra – mas também se purifica» (Carta de 18.6.1924)²⁷.

Inicia o noviciado a 24 de Setembro de 1924. Mudam-lhe o nome, pelo qual é oficialmente reconhecido na Igreja, para Frei Bernardo da Anunciada. Os seus sentimentos traduziam-se por uma enorme alegria «agora vivo todo consagrado a Deus neste ano santo do noviciado e nesta casa de Deus. É uma vida de sacrifício e imolação? Sem dúvida. Mas suave e cheia» (Carta de 12.10.1924)²⁸.

Professa a 29 de Setembro de 1925, no meio da dor pela perda recente de dois familiares: pai e um irmão. Desse dia diz-nos «acabo de fazer o meu holocausto, com toda a simplicidade e reverência do meu coração... Nosso Senhor desta vez, roubou-me muitas coisas; oxalá eu não lhe roube jamais a Ele nenhuma das que lhe dei, e era tudo o que tinha...»²⁹.

²⁵ VASCONCELOS, Bernardo – *Vida de Amor*. Viseu, Ora & Labora, 2002. p. 81.

²⁶ Cf. MENDONÇA, Dionísia Camões – *Da Universidade ao Claustro*. p. 610.

²⁷ VASCONCELOS, Bernardo – *Vida de Amor*. p. 110.

²⁸ VASCONCELOS, Bernardo – *Vida de Amor*. p. 121.

²⁹ VASCONCELOS, Bernardo DE – *Vida de Amor*. p. 165.

Feitos os exames de Filosofia, deixa Espanha e regressa a Portugal, para logo de seguida partir, nesse ano de 1926 para a Bélgica, o que acontece em 24 de Setembro.

A 20 de Outubro é levado ao médico. Prescrevem um tratamento complicado e demorado. A 3 de Novembro regressa a Portugal. Começa a «história da graça que o Senhor me fez, com a grande doença que me deu» como ele dizia.

Diagnosticado *mal de Pott*³⁰, logo inicia tratamentos no hospital da Lapa: operações repetidas, raspagem óssea, extracção de líquidos, descanso do corpo numa total imobilidade, febre persistente, dores nos intestinos e rins, dificuldades de ordem gástrica, fadiga cerebral, e perturbações cardiológicas. É todo ele *Hóstia-em-Sangue*, segundo sua expressão. Em Maio de 1927 colocam-lhe um colete de alumínio, com recomendações de banhos de sol. Em obediência aos superiores, desloca-se a Fátima para pedir a sua cura.

Faz a sua profissão solene no dia de São Miguel, a 29 de Setembro de 1928, na Póvoa de Varzim, com toda a comunidade presente, a portas fechadas na Igreja de São José de Ribamar.

Frei Bernardo vive na imolação que aos poucos Deus consome. Prepara-se para as ordens menores e, serenamente, aguarda o subdiaconado. Quem o via iludia-se, aquele constante sorriso, num esforço por viver o normal e não ser molesto a ninguém. Entre o *ora e labora*, que se traduzia na actividade apostólico-literária e vida de oração, vai progredindo na santidade. Nos últimos tempos de vida afirmava: «estou no horto como uma plantinha que o Senhor Jesus há-de cultivar e fazer florescer e frutificar»³¹. Trata de compor em livro, enquanto a doença lhe dá algumas tréguas, os seus versos.

Muitas vezes dizemos que os desígnios de Deus são insondáveis, e assim o jovem monge na madrugada do dia 4 de Julho de 1932, morre para a terra e nasce no céu, quando se contava os dias para fazer 30 anos.

³⁰ O *mal de Pott* (ou doença de Pott) é uma forma de tuberculose extrapulmonar, que atinge a coluna vertebral do doente. O cirurgião Percivall Pott fez a descoberta deste mal e a sua descrição em 1799. Os sintomas variam: dorsalgia (dor nas costas), febre, anorexia, dormências, fraqueza muscular, etc. Com o avançar da doença, o paciente é acometido de um colapso vertebral, isto é, uma cifose (curvatura da espinha dorsal), que aos poucos leva-o à situação de paraplegia (impossibilidade de andar) a nível da coluna dorsal e coluna lombar. Desenvolve-se, geralmente, em três períodos: 1º supuração; 2º aparição da gibosidade; 3º abscesso por congestão e perturbações como: imobilidade, incontinência urinária, entre outras (Cf. LELLO, José; LELLO, Edgar – *Lello Universal, Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro*. Porto, Lello & Irmão Editores, 1973. Vol. II. p. 618).

³¹ Cf. FERREIRA, Pe. Jorge – *Bernardo Vasconcelos, O monge-Poeta*. Viseu, Ora & Labora, 2002. p. 45.

2. As virtudes de Santidade

Encontramos três pontos cardeais que se entrelaçam na vida de Frei Bernardo, como verdades que atestam a sua santidade:

- a) a vivência da sua consagração monástica;
- b) o amor como acto de entrega e renúncia da sua vida (na resposta visível desse amor: imolação e/ou martírio);
- c) o fruto dessa renúncia concretiza-se na vida mística.

2.1. Vida monástica e santidade

Toda a vida consagrada tem o seu eixo³² em Cristo. Ao abandonar tudo para O seguir, tornamo-nos verdadeiros discípulos de Cristo, tal como aconteceu na história de cada discípulo. Mais ainda quando particularmente tratamos de aspectos tão maravilhosos da vida contemplativa. Essa, somente, visa uma conversão contínua no coração dos monges. Ao falarmos sobre santidade na vida monástica, sobretudo quando ela é vivida pelo último propósito de buscar a Deus, na sua essência puramente vocacionada trata, e facilita, um caminho interior de relação de um *eu* e a um *tu*. Impõem-se duas questões neste domínio: como poderemos declarar a vida monástica caminho de santidade? Será, com todas as suas características, distinta de uma santidade comum da Igreja, onde todos somos convidados a viver ?

Orar é amar a Deus³³. Nesta dinâmica somos levados a crer que pela oração podemos iniciar um caminho de amor. O Santo Patriarca é forte defensor que a vida monástica realiza no homem a partir da oração um caminho de amor, não só pela vertente de louvor que se enquadra na visão do *Opus Dei*³⁴, mas porque a *via da oração dilata o coração do homem. Pela humildade*³⁵ o faz subir às alturas e pela *obediência*³⁶ o torna semelhante a Cristo.

*A vida beneditina, ou contemplativa segundo a Regra de São Bento, oferece-nos uma arte de vida espiritual*³⁷, ou seja, um caminho abarcado pela escuta, pela oração e trabalho, *ora et labora*. É uma vida provocante, e ao mesmo tempo simples. Considerando todos os elementos abordados, eis-nos diante dum projecto de

³² ELIZONDO, Mauro, OSB – *La Vida Benedictina en el contexto de la Vida Cristiana*. Zamora, Ediciones Monte Cassino, 1990. p. 15.

³³ Cf. NESMY, Claude J. – *São Bento e a Vida Monástica*. Mestres Espirituais. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1962. p. 78.

³⁴ Cf. RB, XLIII. pp. 104-106.

³⁵ Cf. RB, VII. pp. 62-69.

³⁶ Cf. RB, LXXI. pp. 137-138.

³⁷ Cf. JEDRZEJCZAK, Guillaume – *Sur un Chemin de Liberte*. Québec, Anne Sigier, 2006. p. 464.

vida, perfeito êxodo, para aqueles que querem amar segundo o Coração de Cristo. Frei Bernardo alcançou, muito bem, esta visão sobre a vida que Deus para ele escolheu.

A Ordem de São Bento não tem como função o fabrico de santos. Antes, procura no homem, de ontem e de hoje, testemunhar a partir da vida do dia-a-dia a união com Deus. A vida monástica³⁸ pretende fazer-nos perfeitos discípulos de Cristo. Só poderemos ser verdadeiros monges se primeiro formos verdadeiros cristãos. Nesta dupla dinâmica podemos afirmar com veracidade: a santidade entendida no ambiente monástico, não é tampouco aquilo que a Igreja, quer pela Palavra de Deus, quer pelos documentos do magistério, exorta e pede ao homem cristão: *sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai celeste* (Mt. 5, 48).

Ora, o convite à santidade é para todos, para aqueles e aquelas que querem unir-se a Cristo, que é caminho de verdade e vida, pois a fé religiosa, assenta no plano de uma decisão vital que abraça na totalidade o homem, e todos os seus actos³⁹. Ao vivermos segundo o Evangelho, temos a obrigação de testemunhar Cristo ao mundo⁴⁰, para que este repare que não depende das suas capacidades, tantas vezes efêmeras, mas de Deus Criador.

Na busca de Deus, Frei Bernardo demonstra-se o homem de fé, na prática da virtude da fortaleza: «O senhor aqui me tem { diz ele }(...) Estou nas mãos de Deus, à mercê do seu amor...»⁴¹. A vida monástica é uma destas vias que o amor domina. O Espírito «soprou» na Igreja esta via, inalterável, constante, corajosa, autêntico dom do mesmo Espírito. O homem baptizado é transformado em «filho de Deus», o monge pela consagração monástica, segundo uma antiga expressão, acolhe uma «vida angélica»⁴².

2.2. Amor numa mística de imolação

Na perspetiva da vida monástica pela luz da palavra de Deus e pela Regra, canais da graça divina, realiza-se o testemunho a Cristo numa vida constante de oblação. Essencialmente, este testemunho vivencial acaba por tornar-se especial na vida de Frei Bernardo, pela aceitação da doença, que identificamos como imolação, um martírio suave de amor. Há casos conhecidos, onde a doença

³⁸ Cf. MARMION, Columba – *Le Christ Idéal du Moine, La Paix du Christ*. Belgique, Abbaye de Maredsous, 1939. p. 576.

³⁹ Cf. KASPER, Valter – *El Dios de Jesucristo*. Salamanca, Ediciones Sígueme, 2011. p.145.

⁴⁰ ELIZONDO, Mauro, OSB – *La Vida Benedictina en el contexto de la Vida Cristiana*. Zamora, Ediciones Monte Cassino, 1990. p. 71.

⁴¹ PRO IV, PARTE IX, Carta nº 3.

⁴² ELIZONDO, Mauro, OSB – *La Vida Benedictina en el contexto de la Vida Cristiana*. Zamora. pp. 66-67.

no sentido cristão, se converteram em sinais do misterioso amor a Cristo pelo sofrimento, que muitos designam «linguagem da Cruz». O nosso ambiente religioso-cultural é adverso a esta ideia. Mas nunca foi assim. Muitas figuras, ao longo dos séculos, deram testemunho de santidade pela doença, ou numa acepção mais moderna, foram *almas vítimas*: Hildegarda Von Bigen; Anna Emmerich; Teresa Neumann; Alexandrina de Balzar; Hildebrando Hempetinne; Frei Bernardo.

A sua imolação, ou renúncia, assemelha-se a um *martírio místico*. Ora o martírio conheceu várias maneiras de realização. Nos nossos dias muitos cristãos sofrem pela fé, recebendo mesmo a morte.

O teólogo Karl Rahner sobre o martírio, não elevado apenas a categoria do derramamento de sangue, mas na base fundamental diz-nos: «A morte do mártir é, no sentido pleno, a morte do cristão»⁴³. A morte do mártir é um culminar de todo um processo, previamente conquistado. Não se trata de uma imposição de sangue. O martírio é portanto um segundo baptismo⁴⁴, que reflecte uma vontade de assumir a fé, mesmo que signifique a perda da vida.

Quando o homem procura atingir a perfeição⁴⁵ e a contemplação de Deus procurará formas de realizar esse mesmo desejo, mas sempre pela vontade de Deus. O sacrifício e a caridade são fiéis ao testemunho dos primeiros mártires, dos quais a Igreja entendeu a morte oblativa como fidelidade, marca verdadeira, do amor a Cristo Redentor.

Na *linguagem da cruz*, o sofrimento por amor, repete-se, e poder-se-á dizer acontece, de tantas formas quantas o Espírito Santo deseje naqueles que estão cheios dos seus dons. Se o amor abrange a alma cativada por Deus, o mesmo amor é a resolução da assistência do Espírito que impele e determina a alma a agir⁴⁶. Por conseguinte, quando falamos em martírio, este não acontece apenas como testemunho de sangue? Poderá haver substitutos do martírio «tradicional»?

A vida de perfeição sempre esteve em causa, como legítima realização do Evangelho, mesmo para além das bases antropológicas. Se o martírio era, e é, forma perfeitíssima de testemunho em Cristo, como já temos vindo a tratar, desenvolveram-se outras concepções, em particular na procura pela santidade, que fossem testemunho, outra vez, à fidelidade de Cristo. Estamos diante, no

⁴³ VILLER, Marcel, S. J. – *Dictionnaire de Spiritualité*.. Vol IV. col 733.

⁴⁴ Cf. CYPRIANI, *EPISTOLA AD FORTUNATUM, DE EXHORTATIONE MARTYRII*. Ed. J. P. Migne (PL 4), Paris 1844. Col. 651-676.

⁴⁵ Cf. MARMION, Columba – *Le Christ Idéal du Moine, La Paix du Christ*. Belgique, Abbaye de Maredsous, 1939. p. 125.

⁴⁶ Cf. MARMION, Columba – *Le Christ Vie de l'âme, L'Esprit-Saint, Esprit de Jésus*. Paris, P. Le thielleux, 1997. pp. 130-131.

que toca ao martírio, duma causa e efeito: a primeira determinava a fé, aliás era dessa que partia; o efeito torna-se concreto na morte por Cristo. Não estamos longe se verificarmos que as primeiras comunidades aceitaram outra via de perfeição baseada nos aspectos radicais de santidade e na procura de Deus, que atingiram o mesmo grau de exigência quando confrontados com os mártires, como Santo Estevão, Inácio de Antioquia, entre outros.

A ideia de uma vida radical, capaz de amar a Deus de todo o coração, de toda a alma e com todas as forças (Dt. 6, 4) granjeou adeptos e multiplicaram-se as formas de vida eremítica e cenobítica.

Assim, o monaquismo é uma dessas vias radicais que temos vindo a tentar demonstrar; continuou em acção consagrante o ideal do mártir, se assim podemos dizer. Por isso não é forçoso admitirmos que o monaquismo herdou a radicalidade, não a forma, mas a permanência da resposta afirmativa diante da fé, até a morte, como possível martírio da nossa actualidade. Não é de todo estranho, ainda hoje, acontecer martírios de monges e monjas, como outra coisa não se poderia esperar⁴⁷. Frei Bernardo não é mártir, é-o pelo seu acto de amor a Deus, pela renúncia à sua vontade própria que na singularidade da sua acção dá a vida pela Ordem, acto que Deus aceitou e santificou.

Se a questão da imortalidade está presente na morte do mártir, também está na morte do monge, que toda a sua vida oferece como imolação pela profissão monástica, seguindo o caminho da obediência⁴⁸, num crescimento sempre aperfeiçoado pela maturidade interior⁴⁹, fazendo das suas relações verdadeiros momentos de oração evidenciando a dimensão da fé no caminho humano da vida.

O monaquismo com as suas diferentes observâncias e inclinações, conheceu na tradição monástica irlandesa um tríplice martírio, depois conhecido e aceite pelo monaquismo europeu, como formas de dar a vida por Cristo: o *martírio vermelho*, pelo derramamento do sangue; o *martírio branco* pela consagração monástica e consagração virginal; e por fim o *martírio verde* pela penitência do exílio em vista do testemunho cristão, num país adverso à fé⁵⁰. Todos estes três martírios, são uma tentativa de prolongar a ideia de que se pode ser mártir. As-

⁴⁷ É interessante consultar a obra de Vidal e Sasía que nos revela um grande número de monges mártires desde a revolução Francesa até aos que missionaram, no século passado, a China, Coreia, entre outros (Cf. FRISENEGGER, Vidal, OSB; SASÍA, Jesús M^o OSB – *Nuevas semblanzas Benedictinas*. Zamora, Ediciones Monte Casino, 1993).

⁴⁸ Cf. MARMION, Columba – *Le Christ Idéal du Moine, La Paix du Christ*. Belgique, Abbaye de Maredsous, 1939. p. 372.

⁴⁹ Cf. BRASÓ, Gabriel – *O humilde e nobre serviço do Monge*. Rio de Janeiro, Edições Lumen Christi, 1980. p. 97.

⁵⁰ Cf. GOUGAUD, L – *Les conceptions du martyre chez les irlandais*. Revue Benedictine, n^o 24. Belgique, Abbaye de Maredsous, 1907. pp. 361-373.

sim, é o monge chamado para uma vida de santificação, que pode ser entendida como martírial, pela persistência da vida comum, pela oração e louvor contínuo no interior do coração, no trabalho para o seu sustento, na obediência ao superior, mas mais importante: aceitar a vontade de Deus. Deste esforço, pode o monge alcançar, na esperança feliz, porque sendo homem de oração espera⁵¹ em Deus e na sua acção providencial ao longo da vida do monge dá-se o momento de união definitiva com Cristo na páscoa gloriosa.

Eis que chegamos a um plano das fundações da espiritualidade beneditina, para percebermos a espiritualidade bernardiana.

Que diz ele nos seus escritos, já que pelo exemplo da sua vida o temos por santo e homem de Deus?

Sobre o testemunho da sua vida monástica, nos escritos, cartas, poemas, creio ser possível encontrarmos a ideia de um *martírio místico*, testemunhado o seu amor a Deus. Esta expressão, *martírio místico* nasce de uma análise, embora a medo, dos seus poemas. Há muitas expressões que carinhosamente os biógrafos e povo de Deus encontraram para chamar e definir os Santos, no caso de Frei Bernardo já temos um bem conhecido: «hóstia em sangue».

Podemos ver nos escritos do Servo de Deus, principalmente na conferência *Eucaristia e Ideal Cristão* a profunda vontade de viver um cristianismo real, sem meios termos, vontades, ou disposições, mas numa totalidade: «A vida do cristão deve ser ao mesmo tempo uma vida e uma morte; e deve ser uma morte para que seja uma vida – a “verdadeira e única vida”»⁵². Esta simplicidade, acaba por nos despertar o interesse para a santidade. A sua conferência do Ideal Cristão é, pela simplicidade e profundidade, um suave e doce canto que nos maravilha e abre-nos a mente para sermos cristãos a sério.

Não podemos entender a mística senão pelo meio mais caro, mais eloquente, com que a devemos definir: união de amor, com Deus. Os dicionários falam em «vida contemplativa». Ela é a linguagem, estado, experiência, pensamento e acção dos enamorados de Deus.

Vimos na conversão de Frei Bernardo, nos anos de Coimbra, a experiência de sofrimento, a «sede de ideal». Quando encontra a «fonte da vida», deseja levar aos outros, sem se esquecer que também ele necessita cada vez mais dessa água viva. A sua sede não acabou, tornou-se diferente:

⁵¹ Cf. HÄRING, Bernhard – *Apesar de tudo esperamos*. Porto, Editorial Perpétuo Socorro, 1972. p. 225.

⁵² VASCONCELOS, Bernardo de – *Eucaristia e Ideal Cristão*. Editora: Causa de Beatificação de Frei Bernardo de Vasconcelos. Braga, 1999. p. 27.

«Um dia tive sede de Infinito
e senti-me no mundo insatisfeito...
Ergueu-se alfim meu coração contrito
a místicas alturas no meu peito»⁵³.

Penetrando no mais fundo do seu ser, descobre um «coração contrito», uma vontade de sair do mundo, quer descobrir Deus, tem a sede d'Ele, de «infinito».

Os seus poemas são testemunho da busca de Deus, da verdadeira *quaerere Deum* como afirma São Bento na regra aos monges, uma busca de amor e só de amor. Procurando e encontrando o que pretende, mergulha e penetra ainda mais no mistério do «fogo do amor»⁵⁴.

Uma mística sem a procura de Deus, sem o sofrer da alma, desprovida de intimidade, é apenas um fanatismo por uma doutrina, uma série de pensamentos fantásticos que não tocam a inspiração, nem no mais pequeno sentimento, deixando-nos ao engano. A cruz não é um sofrimento vinculado à nossa existência natural, mas antes ao facto de sermos cristãos⁵⁵. A mística sem sofrimento é apenas máscara de boa vontade, cheia de imprecisões, insegurança angustiante pelo agir e o não agir. Não nos diz S. Paulo «procurai o amor e aspirai aos dons do Espírito»? São Bento, pela regra, não convida os monges a uma «vida perfeita» para chegarem ao «cume da perfeição»? E por fim, não encontramos nós, nos escritos de Bernardo o ideal «de vida interior»?

Em carta à mãe no tempo do noviciado dizia:

«Este alternar constante do trabalho e da oração, da oração e do trabalho, que torna esta vida mortificada tão leve, tão grande, tão alta e até tão alegre. Sim, porque todos estes trabalhos humildes, mortificações, sacrifícios se fazem com paz na alma e com alegria, santa alegria, no coração»⁵⁶; e continuava: «Ah! como se enganam os que julgam que passamos vida regalada! E como se enganam os que julgam que não há alegria nem amor cá dentro, mas tão somente hipocrisia e tristeza, misantropia e egoísmo. Que venham respirar um pouco neste ambiente sobrenatural!»⁵⁷

O Servo de Deus descreve o ambiente da vida monástica em Samos como sendo «sobrenatural», completamente apaixonado por essa forma de

⁵³ VASCONCELOS, Bernardo de – *Cântico de Amor*. Edições Ora & Labora. Mosteiro de Singeverga. Porto, 1982. p. 101.

⁵⁴ VASCONCELOS, Bernardo de – *Cântico de Amor*. p. 131.

⁵⁵ Cf. BONHOEFFER, Dietrich – *El Precio de La Gracia, El Seguimiento*. Salamanca, Ediciones sígeme, 2007. p. 55.

⁵⁶ Cf. *Beatificationis et Canonizationis Servi Dei Fr. Bernardi de Vasconcelos* – Arquivo do Mosteiro de Singeverga. Vol I.

⁵⁷ VASCONCELOS, Bernardo de – *Vida de Amor*. Viséu, Ora & Labora, 2002. p. 122.

vida, inteiramente dado a ela. Esta experiência ficará como uma primeira luz na vida do futuro monge, e no entanto, mesmo no princípio da caminhada, transparece uma maturidade fascinante, sobre o verdadeiro sentido da vida monástica: oração e trabalho, sacrifício e louvor, desde as coisas mais simples e belas até as altas considerações e disposições da alma, que já anseia por um alto voo. Quem entra no caminho do discipulado, situa-se precisamente na morte de Jesus, transforma a sua vida em morte; a cruz e o sofrimento não são meta de uma vida piedosa e feliz, mas encontram-se no início da comunhão com Cristo⁵⁸.

Na situação de doença, privilegiando-se pelo sofrimento no encontro com Cristo sofredor, na procura incessante de Deus, na simples procura... que é festa do reencontro, Frei Bernardo, aceita-se como vítima, aceitará essa missão como vontade de Deus, como ele próprio descreverá: «a história da graça que o Senhor me fez, com a grande doença que me deu»⁵⁹.

No seu Cântico de Amor, não há nenhum poema, que contenha a palavra «martírio». Nenhum! Mas acaso podemos dizer que esse desejo não esteja presente numa poesia mística, solta, livre, em que o poeta ao sabor da pena deixa tantas vezes, pequenas mensagens nas entrelinhas? Não temos a palavra «martírio» claramente, mas existe essa bela ideia em tantas expressões: «o sacrifício é o resgate»⁶⁰; «creio que até à morte hei-de correr / atrás da luz, em férvida carreira...»⁶¹; «que consagrei nas aras do Senhor / num holocausto vivo e consumado»⁶²; «hora gloriosa da alma / que partiu...»⁶³; « Mas busco um abandono angustioso / pra ser só hóstia em sangue... luz acesa!»⁶⁴. Mais tarde, oferecerá, tal como os mártires e místicos, a sua inteira vida a Deus, num sincero acto de amor.

⁵⁸ Cf. BONHOEFFER, Dietrich – *El Precio de La Gracia*, El Seguimento. Salamanca, Ediciones sígeme, 2007. p. 56.

⁵⁹ FERREIRA, Jorge – *Bernardo Vasconcelos, o monge poeta*. Edições roa et labora – Mosteiro de Signeverga. Porto, 2002. p. 39.

⁶⁰ Cf. VASCONCELOS, Bernardo de – *Cântico de Amor*. Edições Ora & Labora. Mosteiro de Signeverga. Porto, 1982 p. 89.

⁶¹ Cf. VASCONCELOS, Bernardo de – *Cântico de Amor*. p. 103.

⁶² Cf. VASCONCELOS, Bernardo de – *Cântico de Amor*. p. 126.

⁶³ Cf. VASCONCELOS, Bernardo de – *Cântico de Amor*. p. 166.

⁶⁴ Cf. VASCONCELOS, Bernardo de – *Cântico de Amor*. p. 28.

Conclusão

Este *martírio místico* acontece na vida de Frei Bernardo da Anunciada pelo seu amor a Deus. Antes de querer ser sacerdote queria ser Santo! Esse desejo está profundamente difundido em tudo o que já citamos. É um amante da sua vocação, como monge, mesmo estando com licença e dispensa da vida claustral, para se curar, ou dizendo pela verdade, para se imolar. Na procura da sua existência humana, a experiência religiosa faz dele um homem de fé, que o abarca por completo, ao ponto da sua existência, vida sofrida, ser toda para Deus. A doença foi a coroa do martírio, porque, nesse oferecimento, a sua vida morreu, para a vida de Cristo nascer, dentro de si, naquele coração quase insondável.

Aos olhos do mundo, Bernardo aparece-nos como fracassado. Morre jovem, sem completar o sonho de ser sacerdote. Aos olhos da comunidade monástica e da Igreja, é um baptizado privilegiado por Deus, onde a sua pessoal vivência da consagração monástica, lhe deixa acontecer na vida a maior obra de santidade que nos nossos tempos é pedra de toque: *viver a sagrada escritura, como diálogo da vida*.

Teologicamente, a mensagem bernardiana assenta numa cristologia completamente formulada a partir da cruz, do sofrimento. Uma vez que estiveram na origem os sinais de santidade, estes foram desabrochando na naturalidade das acções. A sua forma concreta, alma simples, com uma graça poética, antevia aos que o conheceram, um rumo orientadíssimo para Deus. E essa orientação, actuou de forma gradual, por diferentes níveis, até completar o tempo necessário para que a sua missão fosse concluída e completada na perfeita união com Deus.

Místico, não por ter contemplado no seu corpo os estigmas da paixão, ou experiências de outro tipo nas mais habituais formas conhecidas, mas pela interioridade do coração; pela recepção e cooperação da renúncia, sofrimento da própria carne humana, mas na linguagem divina. Mártir, na sua experiência de doente, alma vítima, hóstia em sangue, pela autenticidade da experiência no caminho da cruz, *não aos arrastos mas aos abraços*.

O tempo é pouco para desenvolvermos mais a ideia de «martírio místico», como novidade na mensagem e vida deste santo irmão que nos precede já na glória de Deus. Creio que esta partilha vos deixou uma novidade sobre o nosso Servo de Deus.

Teilhard de Chardin colocava a seguinte questão: «Não será um facto positivo que, há vinte séculos para cá, milhares de místicos tenham ido buscar à sua chama ardores tão apaixonados que deixam ficar muito para trás, em brilho e pureza, os impulsos e as devoções de qualquer amor humano?»⁶⁵

⁶⁵ Cf. CHARDIN, Pierre Teilhard de – *O Fenómeno Humano*. Edições: Livraria Tavares Martins. Porto, 1965. p. 327.

Creemos que o testemunho de Frei Bernardo da Anunciada pelo seu *oferecimento martirial*, e poesia mística, serve de exemplo e modelo para uma Igreja que vive os alvores da Nova Evangelização, para uma humanidade que procura Deus e para todos os que buscam um ideal.